

TERRITÓRIOS DE CRIAÇÃO: QUANDO AS PRÁTICAS DO TEATRO DE GRUPO SE INSCREVEM NA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SEUS ESPAÇOS EM RELAÇÃO COM SEU ENTORNO

Caio Franzolin (Programa de Pós-graduação em Artes, Instituto de Artes - UNESP – PPG-Artes – IA - UNESP)¹

RESUMO

Neste texto apresentamos alguns aspectos observados, até o momento, na pesquisa de mestrado em andamento. O estudo está sendo realizado por meio de levantamento bibliográfico e entrevistas de campo, afim de observar a relação entre coletivos do Teatro de Grupo da cidade de São Paulo e o entorno de seus espaços culturais. A diversidade de possibilidades na atuação e intencionalidade artística-pedagógica em relação as características dos territórios. Para se entender estas articulações é fundamental um olhar integrado na leitura da atuação teatral de coletivos da cidade de São Paulo. As ações arte-educativas nos territórios, desenvolvidas pelos coletivos são experiências espalhadas pelo tecido urbano da cidade de São Paulo. A ação cultural (COELHO, 1985) é a base do processo práxico que se desenvolve com o passar do tempo, em cada oficina, peça, evento, encontro, festa. O Teatro de Grupo sobrevive na cidade achando as brechas e incidindo nos contextos urbanos a partir de seu encontro, do estar presente e em relação. Para o desenvolvimento do estudo foram estabelecidas interlocuções teóricas com pensadoras e pensadores que abordam como temas a pedagogia do teatro, o sujeito histórico Teatro de Grupo, o espaço urbano, o território e a ação cultural. Neste sentido fazem parte do estudo referências como Carminda Mendes André, Stela Fischer, Silvana Garcia, Milton Santos, David Harvey e Teixeira Coelho.

PALAVRAS-CHAVE

Teatro de grupo; arte-educação; ação cultural; território; pedagogia teatral.

¹ Ator, Arte-educador, Figurinista, Produtor e Mestrando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Integrante do Grupo de Pesquisa “Performatividades e Pedagogias” (CNPq) e do núcleo artístico “A Próxima Companhia”, da Cooperativa Paulista de Teatro. E-mail: caio.franzolin@unesp.br

ABSTRACT

In this text, we present some aspects observed, so far, in the master's research in progress. The study is being carried out through a bibliographic survey and field interviews, in order to observe the relationship between the collectives of the Teatro de Grupo in the city of São Paulo and the surroundings of its cultural spaces. The diversity of possibilities in the performance and artistic-pedagogical intentionality in relation to the characteristics of the territories. In order to understand these articulations, it is essential to have an integrated look in the reading of theatrical performance of collectives in the city of São Paulo. The art-educational actions in the territories, developed by the collectives, are experiences spread throughout the urban fabric of the city of São Paulo. Cultural action (COELHO, 1985) is the basis of the praxic process that develops over time, in each workshop, play, event, meeting, party. The Theater Group survives in the city finding the gaps and focusing on urban contexts from its meeting, being present and in relationship. For the development of the study, theoretical dialogues were established with thinkers and thinkers who address the themes of theater pedagogy, the historical subject of Group Theater, urban space, territory and cultural action. In this sense, references such as Carminda Mendes André, Stela Fischer, Silvana Garcia, Milton Santos, David Harvey and Teixeira Coelho are part of the study.

KEYWORDS

Group theater; art education; cultural action; territory; theatrical pedagogy.

É a partir de seu caráter simbólico e subjetivo que o sujeito histórico Teatro de Grupo exerce uma ação fundamental nos territórios onde suas atividades emergem e muitas vezes estão inseridas fisicamente em sedes na cidade de São Paulo e em diversos outros territórios, cidades, países.

Nesta pesquisa a reflexão se configura na observação de núcleos artísticos alinhados com o Teatro de Grupo, que agem no exercício de modos de produção contra hegemônico, em relação direta com o entorno de seus espaços culturais e na perspectiva que é em si artística, mas também social e pedagógica.

Neste recorte uma primeira questão que pode ser colocada é a medida que as ações dos grupos dialogam com os territórios, no sentido de sua potencialização e articulação, de forma expandida com diversas áreas e temáticas. Neste sentido cada

grupo teatral, que atua em um território distinto da cidade, parece se relacionar com seu entorno a sua maneira. Carrega consigo sua trajetória artística e na convivência com o entorno de sua sede desenvolve sua pesquisa, seu projeto político-artístico-pedagógico. É a partir dos territórios que as identidades emergem, que o campo simbólico é constituído em sua prática cotidiana (SANTOS, 2005).

É fundamental um olhar integrado para a leitura da atuação teatral de coletivos da cidade de São Paulo como ações pedagógicas não-formais nos territórios. Nesta pesquisa entende-se que os coletivos caminham em diálogo direto com o cotidiano do lugar, em uma construção contínua que é mais perceptível a longo prazo. Para uma compreensão mais coerente com as propostas práticas destes coletivos, que podem ser observadas em suas ações, a própria pedagogia teatral deve somar novas dimensões na perspectiva de enxergar outras relações de ensino-aprendizagem que não o teatro na escola, como apenas desenvolvido em espaços institucionais, formais, ou mesmo atividades diretamente de formação, como: as oficinas.

Ainda de forma parcial identificamos no estudo que cada coletivo a partir de seu percurso artístico de formação, pesquisa e criação, em diálogo com as necessidades apresentadas em seu cotidiano, e por seu entorno, reinventa à sua maneira leituras da pedagogia teatral, criando e recriando seus procedimentos de acordo com o contexto. A partir de seu repertório artístico e pedagógico vão além da reprodução de métodos e ferramentas, ampliando suas práticas à medida que se colocam em movimento e se defrontam com seus desafios.

Grande parte destes coletivos teatrais, como apontam diversos pesquisadores do assunto, em geral praticam a autogestão e a autonomia dos sujeitos, sem abandonar a camada da sua pluralidade, criam possibilidades de articulação em redes múltiplas a partir do encontro com as peculiaridades de seus contextos espaciais e temporais. São experiências espalhadas pelo tecido urbano da cidade de São Paulo que foram fortalecidas pela continuidade de suas ações que são fruto de pesquisa continuada. Em parte, existindo com suporte de políticas públicas, como é o caso da Lei de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo (Lei nº 13.279/02) ou o Prêmio Zé Renato de Apoio à Produção e Desenvolvimento da Atividade Teatral para a Cidade de São Paulo (Lei nº15.951/14), conquistadas ao longo do tempo pelo movimento teatral da cidade e que tem em si uma instabilidade sazonal de acordo com a gestão pública do momento.

Porém, os grupos não se condicionam a estas políticas e a incidência de suas atividades está na disputa pelo imaginário a partir não apenas daquele teatro que é cena.

Para a leitura da atuação teatral de coletivos da cidade de São Paulo é fundamental um olhar integrado como ações arte-educativas nos territórios, que ocorrem nas mais diversas conformações. A atividade teatral é vista com frequência como o momento da apresentação, do grande espetáculo, mas, certamente, não se condiciona apenas a isso. O Teatro de Grupo se configura, como: convivência e intencionalidade artístico-pedagógica inserida no cotidiano dos territórios.

Em diversas entrevistas com integrantes de grupos teatrais pudemos notar que o discurso da cena busca dialogar com o público, a produção não faz parte apenas de um gozo estético, mas, também, ético, crítico e formativo. Existe uma carga de transversalidade na atuação destes coletivos, estes as apontam para uma direção contrária as ideias hegemônicas da totalização, individualidade exacerbada, da especialidade e fragmentação.

Outro traço muito presente nas falas diz respeito às ações artístico-pedagógicas não serem acessórias, são elementos estruturantes das práxis dos grupos de teatro, sendo um dos elementos que potencializam seu diálogo com a cidade.

A atuação destes coletivos do Teatro de Grupo se relaciona sobretudo com a possibilidade da criação de sentidos. As experiências provocadas estão em diálogo constante. Não são vias de mão única, se fazem no trânsito. O que podemos definir justamente pelo prisma da educação de Paulo Freire (2000) com as práticas emancipatórias, exercidas no cotidiano e que não se inserem apenas no ambiente escolar. Neste caso, a partir da visão mais plural e diversa da educação, na perspectiva da pedagogia social, da própria cidade educadora ou de tantas outras que estão a parte da educação escolarizante.

A visão prática da ação cultural encontrada nas diversas experiências dos grupos de teatro espalhadas pelas paisagens da cidade torna seu exercício ainda mais profundo e difícil: envolve a criação, a produção de mundos, externos e internos; a produção de novas subjetividades, nutrindo imaginários, referenciando identidades, instaurando novas formas de convivência, de aprendizado e de transformação que não se faz sozinho, que não se deposita, que não se impõe, mas que se constrói aos poucos e de forma mútua na relação entre o coletivo e o entorno de sua sede. A cada momento se enxerga e revela outras camadas de aproximação, ora mais simples e rápidas, ora mais complexas e demoradas.

Outro traço se apresenta na própria manutenção e continuidade dos coletivos que, como dito antes, atuam na perspectiva artístico-pedagógica da produção de si

mesmo como sujeito do mundo e suas existências também abrem espaço para formação de outros artistas e nascerem mais coletivos que são fruto deste pensamento e prática.

Aqui os processos de emancipação são identificados, inicialmente, no interior dos grupos de teatro e por consequência aparecerão em suas ações para fora. Esta maneira envolve toda e qualquer ação cultural, pensando em Paulo Freire (1981) e Teixeira Coelho (1985). Para ação real os indivíduos sendo artistas, educadores, agentes da autonomia, seres éticos e conscientes de sua infinita inconclusão, responsabilidade e visão crítica de mundo. São esferas de sua atuação que possibilitam a ativação da imaginação, da ação coletiva e da reflexão. Como Teixeira Coelho menciona, é exatamente isso que o teatro promove:

a consciência do eu (a consciência do equipamento pessoal, dos sentidos humanos, do próprio corpo no espaço, da própria subjetividade, da figura de si como os outros a veem, da própria representação como a mente se oferece); a consciência do coletivo (a noção da existência do outro, a partilha de ideias e bens, a interação relaxada, a convocação das energias comuns para a solução da proposta); a consciência do entorno (consciência das coisas, de uma cadeira, da água, do espaço, da natureza, do artifício, das relações estabelecidas pelas coisas entre si e entre elas e o próprio corpo e os outros corpos. (COELHO, 1985, p. 86-87)

É a partir dos territórios que as identidades emergem, que o campo simbólico é constituído na prática cotidiana. O chamado Teatro de Grupo apresenta uma organização a partir do exercício da horizontalidade. Notamos também que para além disso, muitos coletivos estabelecem suas sedes, espalhando-se pela maior metrópole da América Latina e desenvolvendo um ampliado leque de possibilidades não formais de educação ou não formais de arte, talvez.

São grupos que se formam a partir de circunstâncias diversas e nem sempre têm claro seus objetivos. A maioria traz como bagagem mais a garra e o idealismo do que propriamente um trabalho estruturado. [...] Mambeando pelos bairros, movidos pelo desejo de alcançar uma comunicação eficiente com o público da periferia [...] (GARCIA, 2004, p.125)

Por um lado, se observa cada coletivo dilatando e aprofundando suas pesquisas artísticas, em interação com seu entorno criando linguagem e territórios particulares, de cooperação, de troca, abrangendo áreas diversas que vão da saúde, passam pela habitação, meio ambiente, educação e tantas outras desigualdades nas comunidades — se entende aqui o que é particular, local.

Por outro lado, estes grupos buscam redes a partir de sua origem artística, se articulando com outros coletivos de teatro de outras regiões da cidade, por vezes de

outros estados e países para potencializar sua circulação, suas técnicas e suas experiências locais — esta perspectiva é mais ampliada, global.

Porém, tudo tem como ponto de partida o lugar, o espaço de origem de onde se parte e para onde se vai retornar. A presença dos grupos que mantêm sua sede com continuidade em um mesmo território gera uma construção de imaginário, noção de pertencimento, ampliação de mundo, sendo isso, totalmente, associado a uma perspectiva múltipla, não apenas de algo que é passado, depositado, mas construído coletiva e cotidianamente entre todos e todas. Esta perspectiva coletiva dos grupos se relaciona ao modo de criação colaborativa (FISCHER, 2010) que é um traço muito presente na trajetória do sujeito histórico teatro de grupo.

A ação cultural é a base do processo prático que se desenvolve com o passar do tempo, em cada oficina, peça, evento, encontro, festa. O Teatro de Grupo sobrevive na cidade achando as brechas e incidindo nos contextos urbanos a partir de seu encontro, do estar presente e em relação.

O objetivo artístico-pedagógico dos grupos de teatro está inserido na prática cotidiana a partir de sua sede – no que denomino aqui como território de criação, bem como em sua atuação nas ruas, no espaço público. Assim, os processos que são instaurados não se tratam de uma espera por outra realidade que chegará, de uma utopia longínqua, se fazem no exercício e atuação constantes da prática da liberdade e leitura de mundo, de ação e de apreciação sobre o fazer artístico e as tantas camadas – para além do teatro – que se aglutinam no cotidiano dos grupos com seu entorno.

Estas relações e construções são compostas e identificadas não pela linearidade e desenvolvimento uniforme, são esboçadas por momentos efêmeros, epifanias de mundo, algumas incoerências e contradições que se apresentam nos percursos. Acreditamos na necessidade de se respirar fundo, (tentar) tranquilizar as urgências e abrir a escuta para o entorno, a vida que transita, circula, habita estes territórios de criação no dentro/fora e no “fazer com” ao invés do “fazer para”. A travessia continua vislumbrando tantas potências de existência e de resistências a exemplo do Teatro de Grupo.

Mas neste processo de pesquisa, assim como o mundo, me deparo com um obstáculo presente, inquestionável e nada colaborativo. Muitos fatores assolaram e continuam incidindo socialmente no contexto da pandemia, seus reflexos continuarão presentes por um longo tempo. As portas dos espaços culturais se fecharam, cada coletivo tentando se preservar e cuidar da sua existência na menor grandeza e a proposta de campo da pesquisa necessitou ser adaptada para o formato remoto. Com isso, ficou

uma dúvida: o Teatro de Grupo, os coletivos, poderão sobreviver à passagem deste período? Talvez a resposta mais simples e efetiva seja um “sim”, mas o problema aqui é saber o “como?”.

A criação artística dos coletivos são exercícios de tradução simbólica e metafórica do mundo em que vivemos. Camadas de tempo se cruzam e se sobrepõem nos processos entre passado, presente, futuro. Os espetáculos e as diversas ações lançam olhares para o futuro. Cada vez mais temos consciência que a disputa está no imaginário, na potência da esperança e da ação concreta e simbólica, das pesquisas e criações despertarem sensações e reflexões com quem se depara com estas produções.

Pensar a prática das separações e articulações entre a ação artística e ação cultural é uma tarefa sensível neste cenário. A ação artística é o dia-a-dia dos grupos que tem justamente a linguagem teatral como base de seu ofício, a arte como esta que se localiza na esfera que compreende a pesquisa continuada, a formação constante dos indivíduos na busca por aprimoramentos técnicos e estéticos. Sua criação tem como matéria a inventividade imaginativa e que tem por resultado a cena, mas que traz em si muitas outras necessidades para se chegar neste momento do encontro com cada espectador e espectadora.

A criação pode ser vista como gestação de um mundo que se materializa quando é apresentado, colocado em relação com quem o vê, mas que sem todos os elementos e etapas do processo não se concretizará. Ainda que não haja uma receita para isso, ainda que não exista uma fórmula e que todos os grupos de teatro experimentem e reexperimentem a cada novo processo recriar suas práticas criativas, seus treinamentos e suas dinâmicas internas. Cada peça, ainda que se faça com o mesmo caminho, escolhas e propostas será nova, diferente e única.

A ação artística não é a reprodução, ainda que os meios exerçam forte pressão para o achatamento das experiências e processos. Uma ação artística oferece a possibilidade das pessoas envolvidas naquele instante terem contato com uma atividade artística, em suas mais diversas possibilidades, linguagens e formatos em uma experiência pessoal autêntica. Com isso, a ação artística é a organização concreta dessas possibilidades de agir, de experimentar a atividade artística, possivelmente, como uma existência invisível, repleta de sensações e que afeta quem tem contato com a mesma, mas que, muitas vezes, por sua sutileza, não se coloca em primeiro plano na constituição aparente do indivíduo.

A ação cultural é de outra natureza; seu objetivo principal é dialogar com a cultura dos indivíduos, ou seja, sua relação com as ideias, as formas, os símbolos, as obras. A ação cultural também tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo, como diz Teixeira Coelho (1985). O objetivo da mesma não é construir um tipo determinado de sociedade, mas provocar as consciências para que se apossam de si mesmas e da sua criatividade. Seu princípio se associa a socialização voltada para seu programa de integração social, suas ideias de reestruturação social, sua utopia de mudanças sociais, fazer surgir ou reativar o sentido de comunidade. E neste sentido se aproxima do exercício coletivo do teatro que “exige dos participantes a tolerância e o sentimento de comunhão, de modo a reviver, mesmo que como jogo, a experiência de pertencer a uma pequena comunidade: o grupo de trabalho” (ANDRÉ, 2007, p.259).

Um projeto desenvolvido e praticado por um coletivo do Teatro de Grupo idealmente tem por base evidentemente o diálogo das duas dimensões ao mesmo tempo: a artística e a cultural, tornando no real suas fronteiras completamente borradas. A potência se faz na possibilidade de associar essas duas dimensões no decorrer das práticas continuadas, para que elas se alimentem mutuamente, completem-se, enriqueçam-se e ultrapassem as delimitações conceituais para ganhar corpo e movimento em relação com o mundo.

[...] cultura e territorialidade, são de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (SANTOS, 2014 p. 39).

Desta forma, a partir do pensamento de Milton Santos e caminhando na reflexão com o também geógrafo David Harvey temos uma possibilidade de aproximação das ações dos coletivos do Teatro de Grupo e sua atuação na cidade e na nutrição do cultivo de possibilidades futuras do próprio direito à cidade:

[...] que tipo de vínculos sociais, relacionamentos com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos nós desejamos. O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo, e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados. (HARVEY, 2013, p. 02)

Deste modo, a referida pesquisa em andamento busca estabelecer conexões entre a pedagogia do teatro, o sujeito histórico teatro de grupo, o espaço urbano, o território e a ação cultural a partir do trabalho de campo com fazedores e fazedoras do teatro de grupo. A perspectiva das contribuições dos próprios sujeitos que atuam na práxis cotidiana em seus territórios objetiva aproximar as reflexos acadêmicas as experiências práticas inscritas na atualidade e contexto sócioespacial.

REFERÊNCIAS CITADAS

- ANDRÉ, Carminda Mendes. **Teatro e cultura**. In Anais da IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. (org.) Fernando Mencarelli, Belo Horizonte: Editora Fapi, 2007.
- COELHO, José Teixeira. **O que é ação cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação- cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- _____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1981.
- FISCHER, S. R. **Processo Colaborativo: Experiências de Companhias teatrais brasileiras nos anos 90**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.
- GARCIA, Silvana. **Teatro da Militância**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HARVEY, David. **O direito à cidade**. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/11/22/o-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 25 de set. 2020.
- SANTOS, Milton. **Espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- _____. **O Espaço do Cidadão**. Sétima. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- _____. **Território e identidade**. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, p. 13869- 13881, 2005.